

Imagens do negro no futebol brasileiro

*Elcio Loureiro Cornelsen*¹

Resumo: Nossa contribuição visa à construção de um breve panorama de imagens do negro no futebol brasileiro. Enquanto construtos discursivos, tais imagens registram não apenas modos de representação do negro, como também momentos da história do futebol e da conformação social no país. Tomaremos por base diversas fontes, desde imagens fotográficas, relatos de jogadores, crônicas, ensaios, poemas e letras de canções, seguindo um método analítico que nos permita refletir sobre as imagens em seu caráter discursivo. Para tanto, trataremos de temas como memória, história, identidade nacional e racismo. Nosso interesse recaiu, sobretudo, no modo como tais imagens veiculam determinadas mensagens que acabaram se cristalizando não só no imaginário, como também na cadeia de narrativas que procuram dar conta desse fenômeno tão significativo para a sociedade e o país, que é o futebol.

Palavras-chave: futebol brasileiro; negro no futebol; discurso e imagem; memória e história; racismo.

Abstract: Our contribution aims to build a brief overview of images of the Negro in Brazilian football. While discursive constructs such images recorded not only representation modes of the Negro, as well as moments of football history and social conformation in the country. We will take based on several sources, from photographs, player reports, essays, poems and song lyrics, following an analytical method that allows us to reflect on the images on their discursive character. Therefore, we will discuss issues such as memory, history, national identity and racism. Our interest lies especially in images containing certain messages that crystallized not only in the imagination, but also in many narratives that sought to account for this phenomenon so significant for society and the country, that is football.

Keywords: Brazilian football; Negro in football; discourse and image; memory and history; racism.

Images of the Negro in Brazilian football

¹ Professor Associado III da Faculdade de Letras da UFMG. Doutor em Estudos Germânicos pela Freie Universität Berlin, Alemanha. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2, do CNPq. Coordenador do FULIA – Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes.

Introdução

A história do futebol e a questão racial no Brasil apresentam diversas facetas, várias delas já cristalizadas em forma de mito desde a chegada do “esporte bretão” ao país, na última década do século XIX. Não faltaram arautos para cantar as façanhas e feitos futebolísticos nos mais diversos âmbitos e meios.

Sem dúvida, a relevância do futebol para a sociedade brasileira e para o imaginário nacional vai muito além dos aspectos esportivos propriamente ditos, ou mesmo dos aspectos culturais. Tendo passado por diversas e significativas transformações, o futebol ainda permanece como um dos vértices para se pensar conceitos cada vez mais fluidos em franca era de globalização, como “nação”, “identidade” e “raça”. Este último, aliás, pouco ou nada traduz a diversidade étnica de uma sociedade como a brasileira, e ainda traz consigo um ranço de épocas em que vigoravam teorias eugênicas e racialistas pseudo-científicas das primeiras décadas do século XX.

A seguir, pretendemos construir um breve panorama de imagens do negro no futebol brasileiro, tomando por base, para isso, diversas fontes, desde imagens fotográficas, relatos de jogadores, crônicas, ensaios, poemas e letras de canções, enquanto registros autênticos de momentos da história do futebol e da conformação social no país. Adotaremos um método analítico que nos permita refletir sobre as imagens em seu caráter discursivo. Diversos temas tangenciarão nosso percurso, dentre eles, a identidade nacional, a discriminação social e o racismo.

Os primórdios do futebol no Brasil e a ausência de negros no “field” e nas arquibancadas

A história do futebol brasileiro tem sido escrita, eminentemente, a partir de estudos que enfocam o seu desenvolvimento e consolidação em dois centros geopolíticos do país: Rio de Janeiro e São Paulo. Ainda em nossos dias, em termos históricos, pouco sabemos da memória do futebol em outras regiões de um país com dimensões continentais, não obstante terem surgido estudos significativos sobre a prática do futebol em outras regiões e localidades, que, infelizmente, ainda encontram pouca ressonância e visibilidade no mercado editorial brasileiro.

Por assim dizer, a memória dos primórdios do futebol brasileiro é alimentada, basicamente, por estudos que tentam dar conta de sua chegada e consolidação no então centro comercial e produtivo (São Paulo), bem como no então centro político (Rio de Janeiro) do país. Vale a pena destacar alguns estudos fundamentais sobre o tema: *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol* (1997), de Cláudia Mattos, *Footballmania: uma história do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, de Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)* (2003), de Fábio Franzini, *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro* (2005), de John Mills, e *Jogadas insólitas: amadorismo e processo de profissionalização do futebol carioca (1922-1924)* (2014), de Hugo da Silva Moraes.

Para ilustrar tal aspecto, tomaremos por base três imagens distintas. Na primeira delas (Fig. 1), vemos a equipe do São Paulo Athletic Club, de 1903, com Charles Miller, o “dono da bola”, ao centro, sentado:

Fig 1: São Paulo Athletic Club (1903)



Team of São Paulo Athletic Club (1903)

Em termos analíticos, tal imagem “diz” muito, não só por o que vemos, mas também por o que está ausente: o negro nos primeiros anos de história do futebol paulistano. Cabe lembrar que toda análise discursiva, diferindo da análise de conteúdo, procura vislumbrar os ditos e os não-ditos. Nem precisamos recorrer profundamente à história da agremiação para saber que, em suas fileiras, essa equipe oriunda da comunidade britânica de São Paulo não integrava jogadores negros.

Tomemos um segundo exemplo: na Fig. 2, vislumbramos a imagem da famosa equipe do Clube de Regatas Vasco da Gama, de 1923. Com “um time titular de três negros, um mulato e sete brancos pobres”, como aponta Cláudia Mattos (1997, p. 86), o Vasco escreveria um belo capítulo da luta contra o racismo nos primórdios do futebol brasileiro, mesmo reconhecendo que estes já atuavam antes de a equipe chegar à primeira divisão do futebol carioca: “Enquanto jogava contra clubes pequenos, ninguém tinha reparado que havia negros no time. Se alguém os viu, fez vista grossa” (MATTOS, 1997, p. 86).

Fig. 2: Clube de Regatas Vasco da Gama (1923)



Team of Clube de Regatas Vasco da Gama (1923)

Portanto, já passando por um franco processo de popularização, o futebol revelava certas transformações, podemos dizer, que também ocorriam na própria sociedade. Afinal, uma sociedade outrora escravocrata não deixaria de sê-lo por decreto ou lei, pois teria de inculcar e praticar novos valores fundamentais que se refletissem na construção de uma sociedade justa e igualitária. E o interessante nessa história é que o futebol, que já despertava a atenção da mídia impressa e de leitores, começaria a perder o seu pedigree elitista, atingindo cada vez mais as camadas amplas da população, nas quais também já se praticava o futebol, mesmo que em condições sociais adversas e com a carência de instalações e materiais apropriados.

Todavia, o terceiro exemplo (Fig. 3) nos permite refletir um pouco mais sobre essa questão: trata-se de uma imagem do time do Paysandu, de 1920, quando a equipe bicolor se sagrou pela primeira vez campeã paraense na primeira divisão.

Fig. 3: Time do Paysandu (1920)



Paysandu Team (1920)

Notamos na foto a presença de jogadores negros e mulatos, o que demonstra que, em outras partes do país, certamente, a discriminação socioracial –frequentemente, a discriminação social e a racial andam de mãos dadas – que ainda se constatava na primeira divisão do campeonato de futebol no Rio de Janeiro em 1923, já não se refletia em outros centros urbanos. Por sua vez, a presença de negros nas arquibancadas também era rara nos primórdios do futebol brasileiro. Pelo menos, é o que indicam as imagens do Velódromo Paulistano, publicadas na revista *A Cigarra* (Fig. 4).

O que vemos: senhores e senhoras da burguesia, acompanhados de seus filhos e netos, todos bem vestidos em trajes dominicais, sentados comportadamente em seus lugares. Se não soubéssemos que aquilo o que não vemos, que está no extracampo, é justamente uma partida de futebol a ser contemplada por esse público, pensaríamos que poderíamos estar diante de uma plateia de outro tipo de competição, do turfê ou do hipismo, ou mesmo de outra modalidade de lazer, como o público do teatro ou da ópera. Praticamente ausente dos “fields” paulistas e cariocas nas duas primeiras décadas do século XX – em que sempre se remete às exceções da década de 1910, o mulato Arthur Friedenreich em São Paulo e o caso do jogador Carlos Alberto (que, curiosamente, nunca recebe um sobrenome nos textos que versam sobre o episódio do “pó de arroz” no Fluminense) no Rio de Janeiro –, negros e mulatos também não se faziam presentes nas arquibancadas. Com a franca popularização que se estabeleceria entre os anos de 1919, após a conquista do Campeonato Sul-Americano pela seleção brasileira, e 1933, com a oficialização do profissionalismo do futebol no Brasil, esse quadro se alteraria sensivelmente, dentro e fora de campo.

Fig. 4: Velódromo Paulistano (1914)



Velodrome Stadium in São Paulo (1914)

O negro e a popularização do futebol no Brasil

No intuito de seguir o mesmo procedimento analítico da seção anterior, elegemos uma imagem da seleção brasileira de futebol (Fig. 5), que conquistaria o terceiro lugar em 1938, no Mundial da França França.

Fig. 5: Seleção Brasileira de Futebol (Mundial de 1938)



Brazilian Football Team (World Cup 1938)

Na referida imagem, podemos constatar uma mudança sensível, se comparada com a imagem da seleção brasileira campeã do Sul-Americano de 1919, quase vinte anos atrás (Fig. 6): enquanto constatamos a presença de um único mulato na seleção de 1919, Arthur Friedenreich, tido como o maior craque da primeira metade do século XX no futebol brasileiro, a seleção de 1938 contava com os negros Domingos da Guia e Leônidas da Silva, craques das décadas de 1930 e 1940.

Fig. 6: Seleção Brasileira (Campeonato Sul-Americano de 1919)



Brazilian Football Team (South American Championship of 1919)

Vários fatores influenciaram nessa mudança, desde os de ordem organizacional com o profissionalismo, até a valorização do futebol como esporte de massa através da mídia impressa e das emissoras de rádio-difusão. No auge da popularização começaria a se propagar um discurso sobre o “estilo brasileiro” de jogar futebol, em que, sem dúvida, jogadores negros e mulatos seriam seus protagonistas. Tal discurso se faria presente em crônicas, ensaios, letras de música, na literatura e nas artes plásticas.

O negro e o “estilo brasileiro de futebol”

Podemos afirmar com segurança que dois nomes se destacaram na profusão do discurso sobre o “estilo brasileiro de futebol”, tendo jogadores negros e mulatos como seus

principais pilares: Gilberto Freyre e Mário Filho. Em 17 de junho de 1938, no contexto do Mundial da França, o célebre autor de *Casa Grande e Senzala* publicou, no *Diário de Pernambuco*, um artigo sobre a “mulatice” no futebol brasileiro:

De maneira inconfundível formou-se um estilo brasileiro de foot-ball; e esse estilo é uma nova expressão de nossa mulatice, perito em assimilação, domínio e abrandamento coreográfico sinuoso e musical de técnicas europeias e norte-americanas, que são muito angulosas para o nosso gosto – trata-se de técnicas, de jogo ou de arquitetura. Pois nosso tipo de mulatice [...] é inimigo do formalismo apolíneo, é dionisíaco na sua mobilidade [...]. O estilo mulato, afro-brasileiro, de foot-ball é uma forma de dança dionisíaca. (FREYRE, 1938)

Na referida citação, constatamos o atributo de sentido ao futebol brasileiro a partir de determinada categoria estética, ou seja, o seu caráter “dionisíaco”, feito dança, de um “estilo mulato, afro-brasileiro, de foot-ball” (FREYRE, 1938), ao mesmo tempo, associado a aspectos étnicos.

Mas o *magnum opus* sobre o tema ainda estava por se escrever: *O negro no futebol brasileiro*, do jornalista e escritor Mário Filho, publicado pela primeira vez em 1947, que contava com um prefácio de Gilberto Freyre, e que ganharia em 1964 uma segunda edição ampliada. Os títulos de seus seis capítulos, já incluindo os dois últimos na segunda edição, sinalizam uma curva “épica” do negro no futebol brasileiro, em seus diversos estágios: “Raízes do saudosismo”, “O campo e a pelada”, “A revolta do preto”, “A ascensão social do negro”, “A provação do preto”, e “A vez do preto”. Ao se referir à partida final da Copa de 1958 na Suécia, o jornalista assevera que o “estilo brasileiro de jogar” já atingira seu auge:

Viu-se então, em pleno esplendor, o melhor e o mais belo futebol do mundo. O escrete brasileiro, já com a fisionomia definitiva, ou quase, pois faltava Djalma Santos, o ‘Nariz’, amorenado, nem preto nem branco, café-com-leite, tornara-se irresistível. Sobretudo quando uma dificuldade surgia, como contra a França, que chegou a fazer um a um, como contra a Suécia, que marcou o primeiro gol. (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 326)

Se essa obra se tornou, ao longo de décadas, uma espécie de “texto fundador” da narrativa heroica do futebol brasileiro associada à popularização e à ascensão de jogadores negros e mulatos a partir de 1920, nas últimas décadas, constata-se uma releitura crítica de *O negro no futebol brasileiro*, no intuito de entendê-la não como um relato historiográfico *stricto sensu*, mas sim como uma narrativa em que se mesclam o factual e o ficcional.

Muito se debateu sobre a obra de Mário Filho, com destaque para as seguintes publicações: o ensaio “Corpo, magia e alienação – o negro no futebol brasileiro: por uma interpretação sociológica do corpo como representação social” (1994), de Mauricio Murad, *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial* (1998), de Antonio Jorge Soares; *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria* (2001), coletânea de ensaios organizada por Ronaldo Helal, Antonio Jorge Soares e Hugo Lovisolo; *As mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho* (2007), de Marcelino Rodrigues da Silva. Inegavelmente, o debate é pautado por questões de ordem epistemológica, em que a obra de Mário Filho é disputada ora como um autêntico diagnóstico social da relação entre futebol, raça e nação no Brasil, ora como uma narrativa que produz um discurso aparentemente lógico sobre a trajetória do negro no futebol brasileiro, mas que careceria de metodologia e de dicção apropriada para ascender ao status de relato historiográfico propriamente dito.

Todavia, não obstante esse debate, já em meados da década de 1950, mesmo antes de a seleção brasileira ter se sagrado campeã pela primeira vez, o crítico Anatol Rosenfeld apontava para o âmbito do futebol como uma via de ascensão social para jogadores oriundos de classes subalternas:

[...] Evidenciou-se que nas camadas inferiores, entre os negros, mulatos e brancos pobres, havia um grande número de jogadores de primeira classe, seja porque os ajudava um talento natural, seja porque a ‘sucção da subida’ e o remoinho das chances do futebol os envolvia e canalizava, seja porque eles, que não eram estudantes de medicina ou direito e frequentemente não tinham uma profissão, podiam lançar toda a sua paixão no jogo; [...] (ROSENFELD, 1993, p. 84-85)

Entretanto, mesmo nos dias de hoje, o discurso sobre o “estilo brasileiro de futebol” associado à atuação de jogadores negros e mulatos tem sua força. Como ressalta Hilário Franco Júnior,

[...] [a]o samba, com seus movimentos livres, suas gingas e seu ritmo acelerado, corresponde o futebol brasileiro de muita improvisação e dribles. Às várias danças tribais dos africanos, muito atléticas e plásticas, corresponde o futebol feito de imaginação e força que as nações negras, apesar de grande diversificação, praticam. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 226)

Outro exemplo semelhante nos fornece José Miguel Wisnik em seu célebre livro *Veneno remédio*. No texto intitulado “O império da elipse”, o autor ressalta o caráter “poético” do futebol brasileiro:

[...] O futebol brasileiro pratica, em seu repertório de variações poéticas, um sem-número de ‘efeitos’ de rosca, de trivela, de chutes e passes de “três dedos”, que exploram os deslocamentos elípticos da bola e complexificam a projeção sumária dos chutes em linha reta. O extraordinário meio-campista Didi, grande lançador, ao mesmo tempo em que criador do chute em “folha seca” (caso singular de aberração da reta e da curva, lugar geométrico de uma trajetória inconstante em que a bola chutada a gol “cai” súbita e inesperadamente sobre a meta, sem peso e com direção imprevisível), “nunca deu um passe com o lado do pé, feito um taco de bilhar, pra a bola ir certinha”, segundo o comentário de Mário Filho. [...] (WISNIK, 2008, p. 314)

Não obstante o caráter “generalizante” que, muitas vezes, se reveste o futebol de sentidos a partir dos discursos propagados por cronistas, comentaristas, estudiosos, ou, como designaria Antonio Jorge Soares em alguns casos, “novos narradores” (Soares, 2001: 26), sem dúvida, o “estilo brasileiro de jogar” cristalizou-se no imaginário como um traço da própria identidade cultural, associada também a aspectos étnicos. E os campos da literatura e das artes também colaboraram, de modo decisivo, para tal cristalização.

A imagem literária do negro no futebol brasileiro

Nomes proeminentes da literatura brasileira não ficaram indiferentes àquela nova modalidade esportiva e de lazer que, cada vez mais, se popularizava. Se já na década de 1910 surgia um acalorado debate entre Coelho Netto, como arauto parnasiano do *football*, de um lado, e Lima Barreto com seu tom crítico e cáustico como co-fundador da “Liga contra o Futebol” (BARRETO, 2010, p. 80), um opositor ferrenho do jogo do “bola-pé”, de outro, em meados da década de 1920, o futebol não ficaria de fora do “projeto modernista”, como bem aponta Marcelino Rodrigues da Silva (2014, p. 22-23). Um dos expoentes da vanguarda paulista, Mario de Andrade não deixaria de fazer uma referência ao futebol em sua obra-prima, o romance *Macunaíma* (1928). De maneira inusitada, o “herói sem nenhum caráter”, ao mesmo tempo índio e negro, surgiria como o criador do futebol em *terras brasilis*, numa espécie de mito fundador antropofágico. Vejamos o trecho a seguir, do capítulo “A francesa e o gigante”, em que os irmãos Maanape, Jiguê e Macunaíma encenam o nascimento do futebol:

O herói não maliciava nada. Vai, Jiguê pegou num tijolo, porém pra não machucar muito virou-o numa bola de couro duríssima. Passou a bola pra Maanape que estava mais na frente e Maanape com um pontapé mandou ela bater em Macunaíma. Esborrachou todo o nariz do herói.

— Ui! que o herói fez.

Os manos bem sonsos gritaram:

— Uai! está doendo, mano! Pois quando bola bate na gente nem não dói!

Macunaíma teve raiva e atirando a bola com o pé bem pra longe falou:

— Sai, peste!

Veio onde estavam os manos:

— Não faço mais papiri, pronto!

E virou tijolos pedras telhas ferragens numa nuvem de içás que tomou São Paulo por três dias.

O bichinho caiu em Campinas. A tatorana caiu por aí. A bola caiu no campo. E foi assim que Maanape inventou o bicho-do-café, Jiguê a largarta-rosada e Macunaíma o futebol, três pragas. (ANDRADE, 1987, p. 62)

E a “praga” do futebol se alastraria ainda mais na década seguinte e, com ele, a construção discursiva da imagem do negro como autêntico representante da corporeidade e habilidade do jogador brasileiro.

Outro exemplo da imagem literária do negro no futebol brasileiro é o poema “Aos heróis do futebol brasileiro” (1938), da escritora carioca Gilka Machado (1893-1980). Considerada uma das precursoras da representação do erotismo na poesia feminina brasileira, com obras como *A revelação dos perfumes* (1916) e *Mulher nua* (1928), Gilka Machado dedicou um poema laudatório à seleção brasileira que representou o país no Mundial da França, em 1938.

Há quarenta milhões de pensamentos
impulsionando os vossos movimentos...
na esportiva expressão
que qualquer raça entende
longe de nossa decantada natureza

Que os Leônidas e os Domingos
fixem na retina do estrangeiro
a milagrosa realidade
que é o homem do Brasil!

Eia,
atletas franzinos,
gigantes débeis
que com astúcia e audácia
tenacidade e energia
transfigurai-vos
traçando com astúcia e audácia
aos olhos surpresos da Europa

um debuxo maravilhoso
do nosso desconhecido País!

Avante
astros obscuros
sóis morenos...
continuai deslumbrando
as louras multidões
com vossos malabarismos e fulgores
de relâmpagos
humanos!

Em vossos pés magnéticos e alados
paira, neste momento,
o destino da Pátria!

Aos vossos pés geniais
curvam-se, reverentes,
os cérebros do Universo.

Em vossos pés heróicos
depõe um beijo
a alma do Brasil! (MACHADO, 1969, p. 117-119).

Constata-se, de início, um discurso poético laudatório. Associado ao poema, o título, enquanto paratexto, apresenta já um tom de dedicatória e louvor: um poema aos “heróis do futebol brasileiro”, que os homenagearia após a conquista do terceiro lugar no Mundial de 1938. A cena enunciativa se estabelece pela 1ª pessoa do singular. O eu-lírico constrói uma relação dialógica monologal com um “vós” coletivo, os “heróis”, construção típica do discurso laudatório.

Por sua vez, o futebol aparece no poema como linguagem (“numa linguagem muda, / escrevendo com os pés magnéticos e alados / uma epopéia internacional”). De certa forma, o futebol jogado pela seleção brasileira no Mundial de 1938 seria, ao mesmo tempo, dança e poesia (“ó bailarinos improvisados / ó poetas repentistas”). No poema, dois jogadores são reverenciados: Leônidas da Silva (o Diamante Negro), artilheiro da competição com oito gols em três partidas, e Domingos da Guia. Estes seriam exemplos do “que é o homem do Brasil!”. Haveria, pois, uma construção de contraponto do aqui (Brasil) – “do nosso desconhecido País” / “o destino da Pátria” – e do lá (Europa) – “fixem na retina do estrangeiro” / “aos olhos surpresos da Europa”. Isso se reflete na caracterização dos jogadores, como um “futebol mulato” (Gilberto Freyre): “astros obscuros / sóis morenos... / continuam deslumbrando / as louras multidões”. E estes recebem também outras características em oposição à suposta corporeidade do europeu enquanto construto discursivo: “atletas franzinos / gigantes débeis /

que com astúcia e audácia / transfigurai-vos”. Não obstante o corpo franzino e débil desses atletas, eles representariam um “estilo brasileiro” de jogar futebol, “com astúcia e audácia”, e “com vossos malabarismos e fulgores / de relâmpagos”.

Cabe ressaltar, também, que a representatividade dos “Leônidas” e dos “Domingos” como jogadores vai além do sentido de desempenho esportivo, pois é associada à “raça”, termo que aparece na primeira estrofe, ao mesmo tempo em que se produz, discursivamente, a eles atrelada uma imagem de “Nação”: “Há quarenta milhões de pensamentos” (população brasileira à época do Mundial), “Pátria” e “País”.

Portanto, o poema “Aos heróis do futebol brasileiro” dialoga com o momento da consolidação do futebol como um esporte popular no Brasil, processo que havia se iniciado na década de 1920. Em tom laudatório, a Seleção Brasileira de 1938 é louvada pelo eu-lírico, por obter o primeiro feito significativo em campeonatos mundiais, abrindo o caminho para gerações de memoráveis craques como Zizinho, Didi, Garrincha e Pelé.

A imagem musical do negro no futebol brasileiro

Assim como ocorreu no âmbito literário, música e futebol se aliaram ao longo do século XX no Brasil, em parcerias muito felizes. A título de exemplo da representação do negro na música, elegemos a canção “Ponta de lança africano” (1976), do cantor e compositor Jorge Ben Jor. Conhecida popularmente por “Umbabarauma”, sem dúvida, trata-se de uma das mais belas canções dedicadas ao futebol já compostas pela MPB, lançada em 1976, no álbum clássico *África Brasil*.

Umbabarauma homem-gol
Umbabarauma homem-gol
Umbabarauma homem-gol
Umbabarauma homem-gol

Joga bola, joga bola
Corocondô
Joga bola, joga bola
Jogador

Pula, pula, cai, levanta
Sobe, dece, corre, chuta
Abre espaço
Vibra e agradece

Olha que a cidade
Toda ficou vazia

Nessa tarde bonita
Só pra te ver jogar

Umbabarauma homem-gol
Umbabarauma homem-gol
Umbabarauma homem-gol

Joga bola jogador
joga bola corocondô
Joga bola jogador
joga bola corocondô

Rere, rere, rere jogador
Rere, rere, rere corocondô
Rere, rere, rere jogador
Rere, rere, rere corocondô

Tererê, tererê, tererê, tererê
Tererê homem-gol
Tererê, tererê, tererê, tererê
Tererê homem-gol

Umbabarauma homem-gol
Umbabarauma homem-gol
Umbabarauma homem-gol
Umbabarauma homem-gol
Umbabarauma homem-gol

Essa é a história de Umbabarauma
Um ponta de lança africano
Um ponta de lança decidido
Umbabarauma (BEN JOR, 1976, encarte)

Na letra da canção “Ponta de lança africano”, constatamos uma relação profunda entre futebol e música. A narrativa textual parece mesclar-se ao ritmo da própria música. E, na quarta estrofe, o “eu-lírico” se dirige ao jogador, produzindo, assim, textualmente um interlocutor, a personagem Umbabarauma: “Olha que a cidade/ Toda ficou vazia/ Nessa tarde bonita/ Só pra te ver jogar”. Aliás, é como se a letra ginguasse ao ritmo do jogador negro, que ganha corporeidade em forma de “homem-gol”.

Embora não seja tão evidente assim, consideramos esse um aspecto plausível para se pensar o modo de composição da letra de “Ponta de lança africano”. O “eu-lírico” parece ter plena liberdade de criar novas expressões rítmicas, como “rere, rere, rere”, “corocondô”, e “tererê, tererê, tererê”. Aparentemente, se trata de vocábulos expressivos que apóiam temática e melodicamente – em síncope – a apresentação do jogador Umbabarauma enquanto ritmo.

Apenas a terceira estrofe evidencia, literalmente, essa dinâmica do corpo no espaço-tempo: “Pula, pula, cai, levanta/ Sobe, desce, corre, chuta/ Abre espaço/ Vibra e agradece”. Podemos, inclusive, tomar como implícito nessa sequência de gestos o próprio gol.

Na última estrofe, em tom recitativo próximo da fala, feito um narrador, o “eu-lírico” resume a história que acabara de narrar: “Essa é a história de Umbabarauma/ Um ponta de lança africano/ Um ponta de lança decidido/ Umbabarauma”. Nesse ponto, reconhecemos que se trata de uma história, em essência, de movimento corporal. O “eu-lírico” não lança mão de informações descritivas mais demoradas sobre Umbabarauma. Ao contrário, apresenta o “homem-gol”, e sabemos que ele é “jogador”, sabemos que seu posicionamento tático é o de “ponta de lança”, é “africano”, e é “decidido”. Aliás, a expressão composta “homem-gol” dá margem à sintetização da ação corporal do “ponta de lança africano” que culmina em gol. Ao narrar a “história de Umbabarauma”, o “eu-lírico” deixa implícita a relação entre a prática do futebol e a negritude no modo de jogar do brasileiro.

Memória, esquecimento, preconceito

Outro aspecto que sempre está atrelado ao tema das imagens do negro no futebol brasileiro diz respeito ao modo como jogadores negros e mulatos de destaque no cenário nacional foram, praticamente, relegados ao esquecimento, e outros que sofreram preconceito e discriminação, que comprometeram suas carreiras.

Talvez, o maior exemplo de esquecimento no âmbito do futebol brasileiro seja o de Arthur Friedenreich, considerado o maior craque brasileiro antes da chamada “Era Pelé”. Fried praticamente desapareceu do imaginário brasileiro, não só por ter jogado numa era por assim dizer “pré-midiática” em termos de cobertura esportiva, entre 1909 e 1935, como também por ter sido ofuscado por craques das gerações posteriores, como Garrincha e Pelé.

Todavia, nas últimas duas décadas, a carreira de *el Tigre*, como os uruguaios o chamavam, tem despertado interesse entre os estudiosos do futebol, fazendo jus a essa figura mítica. Dentre elas, destacamos *O tigre do futebol* (1999), de Alexandre Costa, *Futebol e racismo nas décadas iniciais do século XX: a construção da representação de Arthur Friedenreich* (2008), de Juliana Garcia Ramos, *Friedenreich. Das vergessene Fußballgenie* (2009; Friedenreich. O gênio esquecido do futebol), de Martin Curi, e *Friedenreich: a saga de um craque nos primeiros tempos do futebol brasileiro* (2012), de Luiz Carlos Duarte.

Semelhante esquecimento também pode ser constatado em relação a José Ribamar de Oliveira (1932-1974), o “Canhoteiro”, craque do São Paulo Futebol Clube e da Seleção Brasileira, que atuou entre 1953 e 1963, considerado por muitos como “o Garrincha da ponta esquerda” e “o rei do drible”. Por pouco, não ficaria imortalizado junto do escrete de 1958: fora cortado da seleção brasileira, onde atuava desde 1955, às vésperas do Mundial da Suécia, dando lugar a outros dois ótimos jogadores de sua posição, Zagallo e Pepe. Na versão apresentada por Renato Pompeu, Canhoteiro teria pedido para ser desligado da seleção: “[...] cafuso, receoso de mais uma vez ver levantadas questões de raça nas derrotas brasileiras, [Canhoteiro] pediu ao seu Vicente Feola, segundo se comenta, para tirá-lo ‘dessa fria’. Seu lugar, afinal, era disputado por dois brancos: Pepe e Zagallo” (POMPEU, 2003, p. 96). Diferindo de Fried, Canhoteiro recebeu menos atenção dos estudiosos do futebol. Registra-se uma biografia, intitulada *Canhoteiro. O homem que driblou a glória* (2009), do saudoso jornalista e escritor Renato Pompeu. Por outro lado, Canhoteiro também recebeu uma homenagem especial, em geral, reservada a jogadores diferenciados: ganhou uma canção em seu nome – “Canhoteiro” (2004), de Raimundo Fagner e Zeca Baleiro. As duas primeiras estrofes da letra atribuem ao jogador alguns traços ligados à dança e à habilidade corpórea de driblar:

Um anjo torto
Um canhoteiro
Um São José de Ribamar
Um bailarino
Um brasileiro
Um Paraíba
Um Ceará

Um pé de ouro
Um peladeiro
Mata no peito e beija o sol
Balão de couro
Bola de efeito
Mas que perfeito é o futebol (FAGNER; BALEIRO, 2004)

Segundo relata Renato Pompeu na biografia do jogador, Canhoteiro teria pedido dispensa por temer que ocorresse algo semelhante consigo em caso de derrota da seleção na Suécia, como ocorrera com jogadores negros na Copa de 1950:

[...] como em 1950 haviam culpado os negros Bigode, Juvenal e Barbosa pela derrota, em 1958, um plano aventado foi... levar só brancos para a Copa

na loura Suécia. Imaginem só o vexame que seria!!! De todo modo, esse assunto não surgiu nas rodinhas de conversa nos ônibus e nas esquinas. Mas influiu no corpo mole de Canhoto, [...] (POMPEU, 2003, p. 95-96)

Sem sombra de dúvida, um dos capítulos mais trágicos do futebol brasileiro – juntamente com o momento tragicômico do Mineirazo em 2014 –, a derrota da seleção brasileira para a celeste uruguaia em 1950, em pleno Maracanã, alimentou também inúmeros relatos que cristalizaram o mito do trauma pela derrota. Na passagem acima citada, Renato Pompeu reproduz essa narrativa sobre o racismo contra jogadores negros, reafirmada já em 1964 por Mário Filho:

Assim três pretos foram escolhidos como bodes expiatórios: Barbosa, Juvenal e Bigode. Os outros mulatos e pretos ficaram de fora: Zizinho, Bauer e Jair da Rosa Pinto.

Era o que dava, segundo os racistas que apareciam aos montes, botar mais mulatos e pretos do que brancos num escrete brasileiro. Mas ao mesmo tempo que se observava esse recrudescimento de racismo, o brasileiro escolhia um ídolo às avessas: Obdúlio Varela, mulato uruguaio, de cabelo ruim. (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 290)

Envolvidos no lance capital daquela fatídica partida, ou seja, o segundo gol uruguaio assinalado pelo ponta-direita Ghiggia, o zagueiro Juvenal, o lateral esquerdo Bigode e, sobretudo, o goleiro Barbosa foram apontados como culpados pelo Maracanazo. Uma das obras que procuram dar conta dessa “culpabilidade” atrelada ao racismo é *Barbosa. Um gol faz cinquenta anos* (2000), de Roberto Muiyaert. A ela, somam-se também o conto “O dia em que o Brasil perdeu a copa” (1975), publicado por Paulo Perdigão na obra *Anatomia de uma derrota* (1986), e também o curta-metragem *Barbosa* (1988), filme de ficção dirigido por Anna Luiza Azevedo e Jorge Furtado e baseado no referido conto. Em todas elas, Moacyr Barbosa surge como uma figura trágica, presa àquela partida de 16 de junho de 1950.

No caso específico dos relatos e depoimentos do goleiro Barbosa, assevera Roberto Muiyaert que “a versão dos fatos que ele apresenta hoje [isto é, 2000] já não se sabe até que ponto é real ou imaginária” (MUYLAERT, 2000, p. 113). Além disso, constata-se nos relatos do goleiro Barbosa a incorporação do discurso do outro, à medida que, em depoimento concedido a Geneton Moraes Neto em 2000 e publicado na obra *Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*, o goleiro fez a seguinte afirmação: “Ghiggia diz que só ele, o Papa e Frank Sinatra calaram o Maracanã. Eu também fiz o Brasil calar, fiz o Brasil chorar: não é só ele que tem esse privilégio não” (MORAES NETO, 2000, p. 53). Hoje, Tereza Borba, adotada como filha pelo goleiro nos últimos anos de

vida, procura reabilitar a imagem de Barbosa, falecido a 07 de abril de 2000, destacando sua brilhante carreira no Vasco da Gama, em especial como arqueiro do “Expresso da Vitória”, campeão do Sul-Americano de 1948 (FREITAS, 2012).

Mesmo que brevemente, cabe ressaltar ainda que, com o tricampeonato conquistado em 1970 no Mundial do México, tendo como figura principal Pelé, o “Rei do Futebol”, vozes apontaram para uma mudança na imagem do negro em relação à derrota de 1950. Exemplo disso é a seguinte frase do sociólogo Roberto DaMatta:

[...] Simultaneamente, com esse processo, veio uma redefinição do valor da “raça”, sobretudo da “raça negra”, como fundamentalmente positiva. Creio que é desta posição que podemos entender o fenômeno Pelé e o seu coroamento como “Rei do Futebol”. Pois se o negro, visto como inferior pelos racistas brasileiros, é o responsável pela derrota trágica de 1950, o supernegro Pelé, com sua “arte” e sua “malandragem”, é o responsável pela vitória do Brasil nos campeonatos mundiais subsequentes. [...] (DAMATTA, 2001, p. 110-111)

E isso já havia sido destacado por Mário Filho na década de 1960, em sua epopeia sobre o negro no futebol brasileiro: “É a maneira mais fácil de exaltarem a própria cor. Olhando-se no espelho de Pelé. Se Pelé é preto, pode-se ser preto. Quem é preto deve ser preto” (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 341). Fato é que, mesmo com essa ascensão triunfal de jogadores negros, tendo Pelé como maior exemplo, o futebol brasileiro – como fenômeno que reflete a sociedade em que é praticado –, até os dias de hoje, ainda conhece atos vis e covardes de racismo.

Casos de racismo e de discriminação dentro e fora dos gramados

Um capítulo nada lisonjeiro da história do futebol, o racismo continua a grassar pelos gramados mundo afora. Basta lembrarmos alguns casos recentes, como o episódio envolvendo o atacante brasileiro Grafite – Edinaldo Batista Libânio, então jogador do São Paulo Futebol Clube, e o zagueiro argentino Leandro Desábato, então no Quilmes, que ocorreu em partida válida pela primeira fase da Copa Libertadores de 2005, na capital paulista. Tal episódio foi até mesmo cantado em versos de cordel, por Abdias Campos, em “Racismo contra o futebol”:

Neste folheto de versos
Minha homenagem singela
Aos jogadores negros
Que sofrem com a mazela

Do racismo inoportuno
De decadente tabela

Vamos fechar a janela
Na cara dessa vergonha
Combater com veemência
A atitude bisonha
do racismo que apregoa
A jogada mais tristonha
[...]

Chamam Grafite de negro
Negrito sim, sim sinhô
Negrão que é bom de bola
Exemplo de jogador
Que tem o vício de ser
Um grande goleador (CAMPOS, 2005)

Recentemente, outros casos de racismo no futebol, tanto no Brasil quanto no Exterior, ganharam notoriedade na imprensa, entre eles, envolvendo o árbitro Márcio Chagas da Silva, em partida entre as equipes do Esportivo e do Veranópolis pelo Campeonato Gaúcho na cidade de Bento Gonçalves, o jogador Daniel Alves, do Barcelona e da seleção brasileira, em partida pelo Campeonato Espanhol contra o Villareal, o jogador Tinga – Paulo César Fonseca do Nascimento, do Cruzeiro Esporte Clube, hostilizado por torcedores do Real Garcilaso do Peru em partida válida pela Copa Libertadores da América realizada na cidade de Huancayo, e o goleiro Aranha – Mário Lúcio Duarte Costa, jogador do Santos Futebol Clube, hostilizado por torcedores do Grêmio Football Porto Alegre na capital gaúcha, em partida válida pelas oitavas de final da Copa do Brasil.

Além do racismo manifestado por jogadores e torcedores, constata-se também a discriminação socioracial no âmbito do futebol. Os preços dos ingressos, cada vez mais abusivos, funcionam hoje em dia como um potencial instrumento de discriminação numa sociedade economicamente estratificada e injusta como a brasileira. Basta mirarmos um fotograma (Fig. 7) do célebre documentário *Garrincha, a alegria do povo* (1962), de Joaquim Pedro de Andrade, para entendermos isso:

Fig. 7: imagem da arquibancada do Maracanã



Em *Garrincha, a alegria do povo* (1962)

Tal imagem, em *close up* de torcedores durante uma partida no Maracanã, no início da década de 1960, nem precisa ser contrastada com as imagens que guardamos na memória recente, das arquibancadas durante a Copa das Confederações em 2013 e o Mundial de 2014. Há um processo de “branqueamento” dos estádios em andamento, como se retrocedêssemos ao período do amadorismo elitista e segregacionista. Na era em que o torcedor se torna cliente, um potencial consumidor de produtos, o futebol é mais um deles, exposto na prateleira do capital.

Imagens do negro no futebol brasileiro como construtos discursivos: à guisa de conclusão

Este breve estudo tencionou apresentar imagens do negro no futebol brasileiro a partir de diversas fontes, segundo um viés discursivo. Cientes de que cada seção deste texto mereceria um aprofundamento maior, e de que as lacunas foram inevitáveis devido ao espaço disponível, esperamos ter cumprido nosso objetivo. Para isso, selecionamos determinadas estações – os primórdios do futebol e a ausência do negro em clubes amadores da elite no eixo Rio-São Paulo; o processo de frança popularização e a gradativa inserção do negro no cenário do futebol; as representações literárias e musicais de imagens do negro no futebol brasileiro; o imaginário memorialista e as ausências; a discriminação e o racismo no âmbito do futebol.

Nosso interesse recaiu, sobretudo, no modo como tais imagens são construídas para veicularem determinadas mensagens que, por sua recorrência, acabaram se cristalizando não só no imaginário, como também na cadeia de narrativas que procuram dar conta desse fenômeno tão significativo para a sociedade e o país, que é o futebol.

Aliás, um desses mitos, o do “país do futebol”, parece estar em franca transformação. Uma das mensagens da campanha publicitária para a Copa de 2014, “a pátria em chuteiras”, expressão cunhada por Nelson Rodrigues na década de 1950, pareceu não se encaixar bem ao objeto e ao momento sociopolítico e histórico pelo qual o país atravessa. Isso nos faz lembrar uma frase do sociólogo Roberto DaMatta, que chama a atenção para esse caráter maleável de significação oferecida pela modalidade esportiva mais popular do país: “O primeiro milagre do futebol, então, é ser o que queremos que ele seja” (DAMATTA, 2011, p. 89).

Referências

- ANDRADE, Mario de. **Macunaíma**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.
- BARRETO, Lima. A Liga contra o Futebol (13.03.1919). In: ROSSO, Mauro. **Lima Barreto versus Coelho Neto**: um Fla-Flu literário. Rio de Janeiro, Difel, 2010, p. 80-84.
- BEN JOR, Jorge. Ponta de lança africano (1976). In: BEN JOR, Jorge. **África Brasil**. CD. reedição, coord. Rodrigo Faour, Manaus, Universal: 2009, encarte. (Coleção “Salve Jorge!”)
- CAMPOS, Abdias. **Racismo no futebol**. (poema de cordel; 2005). Disponível em: http://www.abdiascampos.com.br/v2/cordel/racismo_futebol.html. Acesso em: 23/09/2013.
- DAMATTA, Roberto. Os milagres do futebol (27/06/1982). In: DAMATTA, Roberto. **Explorações**: ensaios de sociologia interpretativa. 2. ed., Rio de Janeiro, Rocco, 2011, p. 87-93.
- FAGNER, Raimundo; BALEIRO, Zeca. **Canhoto** (2004). Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/fagner-e-zeca-baleiro/canhoto.html>. Acesso em: 10/10/2012.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FREITAS, Bruno. **Filha luta para perpetuar Barbosa e fazer de túmulo atração turística em Praia Grande** (08/05/2012). Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimasnoticias/2012/05/08/filha-luta-para-perpetuar-barbosa-e-fazer-de-tumulo-atracao-turistica-em-praiagrande.htm>. Acesso em: 11/05/2012.
- FREYRE, Gilberto. Football mulato. **Diário de Pernambuco**. Recife, 17 de junho de 1938. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/07/03/football-mulato-305261.asp>. Acesso em: 23/01/2014.
- MACHADO, Gilka. Aos heróis do futebol brasileiro (poema; 1938). In: PEDROSA, Milton. **Gol de letra**: o futebol na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1969, p. 117-119.
- MATTOS, Claudia. Vasco e a mestiçagem. In: MATTOS, Claudia. **Cem anos de paixão**: uma mitologia carioca no futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 83-100.
- MORAES NETO, Geneton. **Dossiê 50**: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2000.

- MUYLAERT, Roberto. **Barbosa**: um gol faz cinquenta anos. São Paulo: RMC Comunicação, 2000.
- POMPEU, Renato. 2003. **Canhoto**: o homem que driblou a glória. Rio de Janeiro, Ediouro; Relume Dumará, 2003.
- RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed., Rio de Janeiro, Mauad, 2003.
- ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil (1956). In: ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo, Perspectiva, 1993, p. 73-106. (Debates; 258)
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. Cidade esportiva / cidade das letras. In: SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Quem desloca tem preferência**: ensaios sobre futebol, linguagem e literatura. Belo Horizonte: Relicário, 2014, p. 15-31.
- SOARES, Antonio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo (org.). **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro, Mauad, 2001, p. 13-50.
- WISNIK, José Miguel. O império da elipse. In: WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 309-321.

Fontes das Imagens

- Fig. 1: São Paulo Athletic Club (1903). Disponível em: http://veja.abril.com.br/idade/estacao/brasil_futebol/galeria/foto2.html; acesso em: 23/09/2013.
- Fig. 2: Clube de Regatas Vasco da Gama (1923). Disponível em: <http://www.tendere.com.br/blog/category/cultura-de-moda-2/page/7/>; acesso em: 23/09/2013.
- Fig. 3: Time do Paysandu (1920). Disponível em: <http://www.paysandu.com.br/timeline/#3>; acesso em: 23/09/2015.
- Fig. 4: Velódromo Paulistano (1914). Disponível em: http://reliquiasdofutebol.blogspot.com.br/2012_02_19_archive.html; acesso em: 23/09/2013.
- Fig. 5: Seleção Brasileira de Futebol (Mundial de 1938). Disponível em: <http://palavra-acesa.blogspot.com.br/2011/03/romeu-pellicciari.html>; acesso em: 23/09/2013.
- Fig. 6: Seleção Brasileira (Campeonato Sul-Americano de 1919). Disponível em: <http://cacellain.com.br/blog/?p=66994>; acesso em: 20/09/2013.
- Fig. 7: imagem da arquibancada do Maracanã em *Garrincha, a alegria do povo* (1962). In: ANDRADE, Joaquim Pedro de. **Garrincha, a alegria do povo**. Brasil, 1962, preto e branco, 60 min.

Recebido em: 25 de novembro de 2015.

Aprovado: 06 de março de 2016.